



Cadernos NAUI

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Dossiê: Indígena? Presente! Processos (Inter)culturais de apropriação territorial e (trans)formação identitária indígena em diferentes contextos temporais e espaciais

V 10 | n 19 | jul-dez 2021

Corpo território: O conhecimento ancestral resistindo ao tempo, a história e a memória da mulher Kaingang

Adriana Aparecida Belino Padilha de Biazi; Jandaíra Belino Padilha



Edição eletrônica

URL: [NAUI – Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural \(ufsc.br\)](http://nauu.ufsc.br)

ISSN: 2558 - 2448

Organização

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC

Referência Bibliográfica

BIAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha de; PADILHA, Jandaíra Belino. Corpo território: O conhecimento ancestral resistindo ao tempo, a história e a memória da mulher Kaingang. Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 10, n. 19, p. 199-221, jul-dez 2021. Semestral.

© NAUI

Corpo território: O conhecimento ancestral resistindo ao tempo, a história e a memória da mulher Kaingang

Adriana Aparecida Belino Padilha de Biazzi ¹

Jandaíra Belino Padilha ²

Resumo

No contexto dos saberes tradicionais indígena, a educação tradicional está conectada com muitos elementos presentes na cultura Kaingang, também é vista como uma ponte que leva ao caminho da ancestralidade. A transformação do corpo e espírito da mulher Kaingang, passa por muitas transformações que estão ligadas ao território, são muitos exemplos que podem ser explanados sobre a história e a memória da mulher Kaingang Antoninha Belino Padilha. A ancestralidade dos saberes tradicionais envolve a oralidade e memória na educação tradicional, que podem ser explorados através dos espaços de conhecimentos dentro do território tradicional Kaingang, sejam nos espaços físicos ou nos espaços envolvendo a mata, os animais e as plantas. O ponto chave é a educação tradicional, educar desde cedo as crianças indígenas com conhecimentos múltiplos, desde a subjetividade até a coletividade. A educação tradicional envolve o corpo e o espírito interligados a espaços territoriais que podem ativar a memória de saberes chamados dos troncos velhos, onde há muito conhecimento histórico do povo Kaingang da Terra Indígena Xapecó. O aprendizado pode ser adquirido através da dança, do movimento do corpo, dos cantos, do ouvir e escutar os mais velhos *Kófas*, do silêncio, da mata e dos elementos que envolvem a nossa cosmologia que a prática está inserida. O conhecimento ancestral rege os saberes das crenças, mitologias, história, cultura e tradição; atravessa o tempo a partir da memória e dos lugares de memória que resistem ao tempo. A educação tradicional indígena envolve muitos elementos da cultura do povo Kaingang, da memória dos nossos *Kófas* e a forma de transmitir esse saber milenar ancestral. Já a educação escolar indígena é nova na história dos povos indígenas, tendo em vista os processos de contato com a colonização do Brasil. Sendo que a educação escolar indígena já passou por muitos modelos que foram implantados dentro das terras indígenas, com muita luta dos nossos *Kófas* e da nossa

¹ Doutoranda em História Global (PPGH) da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e bolsista CAPES. Integra o Laboratório de História Indígena – LABHIN. E-mail: drikabiazzi51@hotmail.com.

²Graduanda no curso de Licenciatura Intercultural Indígena, na área de formação em Pedagogia, na UNOCHAPECÓ. Atualmente trabalha como professora orientadora na E. I. E. F Paiol de Barro da Terra Indígena Xapecó/SC. E-mail: jandairabelinopadilha@gmail.com.

ancestralidade, conquistamos uma educação escolar indígena, bilíngue e diferenciada e ainda lutamos dia-a-dia para que possa ser cumprida a lei dentro das nossas escolas, mesmo havendo obstáculos a serem vencidos, a educação escolar e a educação tradicional indígena caminha juntas neste caminho de luta e resistência dos povos indígenas.

Palavras chaves: Mulher Kaingang; Saberes tradicionais; Ancestralidade; Educação Tradicional.

Abstract

In the context of indigenous traditional knowledge, traditional education is connected with many elements present in the Kaingang culture, it is also seen as a bridge that leads to the path of ancestry. The transformation of the body and spirit of the Kaingang woman, goes through many transformations that are linked to the territory, there are many examples that can be explained about the history and memory of the Kaingang woman Antoninha Belino Padilha. The ancestry of traditional knowledge involves orality and memory in traditional education, which can be explored through knowledge spaces within the traditional Kaingang territory, whether in physical spaces or spaces involving the forest, animals and plants. The key point is traditional education, educating indigenous children from an early age with multiple knowledge, from subjectivity to collectivity. Traditional education involves the body and spirit interconnected to territorial spaces that can activate the memory of knowledge called from old trunks, where there is a lot of historical knowledge of the Kaingang people of the Xaçepó Indigenous Land. Learning can be acquired through dance, body movement, singing, listening and listening to the older *Kófas*, silence, forest and the elements that involve our cosmology in which the practice is inserted. Ancestral knowledge governs the knowledge of beliefs, mythologies, history, culture and tradition; crosses time from memory and memory places that resist time. Traditional indigenous education involves many elements of the culture of the Kaingang people, the memory of our *Kófas* and the way to transmit this millenary ancestral knowledge. Indigenous school education, on the other hand, is new in the history of indigenous peoples, in view of the processes of contact with the colonization of Brazil. Since indigenous school education has gone through many models that were implemented within indigenous lands, with a lot of struggle from our *Kófas* and our ancestry, we conquered indigenous, bilingual and differentiated school education and still struggle day-to-day so that it can In order to comply with the law in our schools, even though there are obstacles to be overcome, school education and traditional indigenous education walk together in this path of struggle and resistance of indigenous peoples.

Keywords: Kaingang Woman; Traditional knowledge; Ancestry; Traditional Education.

O território para as mulheres Kaingang: Terra Indígena Xaçepó/SC

A Terra Indígena Xaçepó está localizada no oeste do estado de Santa Catarina, pertence ao município de Ipuçu e Entre Rios, sua extensão territorial é de aproximadamente 15.623 hectares, este espaço está dividido em aldeias que possuem o nome de: Sede ou Jacu, Olaria, Serrano, Cerro Doce, Pinhalzinho, Campos Oliveira, Água Branca, Limeira, Fazenda São José, Matão, João Veloso, Paiol de Barro, Barro Preto, Guarani, Baixo Samburá e Manduri. A maioria da população indígenas pertence ao povo Kaingang e Guarani, além de alguns indígenas que se casam com membros do povo Kaingang e possuem casas dentro da TIX, como indígena do povo Xetá e Laklãnõ/Xokleng. Antigamente, a TIX possuía muitos outros indígenas de outros povos que estavam residindo com suas famílias na comunidade Kaingang, como Ticuna e Xerente.

Estes povos indígenas que buscavam residência dentro da Terra Indígena Xaçepó, muito por conta de terem parentes casados com Kaingang que residiam dentro a TI, e alguns estavam em situações de retomadas de suas terras e por conta disso, alguns buscavam abrigo e proteção de suas famílias, ficavam por pouco tempo dentro da TI. Outro motivo que levou algumas pessoas destes povos a estarem no meio da comunidade Kaingang foi o casamento interétnico, onde os mesmos se casavam com as mulheres e homens Kaingang, e buscavam estar próximo da cultura e tradição do nosso povo. Teve o caso de um homem do povo Xerente, se casou com uma mulher Kaingang, o mesmo ajudou muito o povo durante o tempo que passou a residir em território Kaingang, teve participação nas discussões a partir dos esboços dos desenhos, que influenciaram de certa forma a construção de uma escola indígena culturalmente estruturada de acordo com a nossa história de origem e nossa relação com a mata e os animais. A escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê³, é reconhecida pela estrutura dos animais e da aldeia que é característico do nosso povo. Abaixo, o mapa de localização da Terra Indígena no estado de Santa Catarina.

³ No decorrer do texto, as informações sobre a EIEB Cacique Vanhkrê estarão descritas com mais informações e figuras que podem ser observadas a estrutura da arquitetura da escola indígena, localizada na Terra Indígena Xaçepó/SC, especificamente na aldeia Sede.

culto aos mortos, uma homenagem feita aos mortos indígenas das duas marcas, seja *Kamē* e *Kanhru*⁶. O processo de retirada do pinheiro faz parte da nossa cosmologia e espiritualidade, pois a mata e todos os seres possuem vida e marca exogâmica, e assim, o pinheiro antes de ser retirado o seu tronco, os pinhões, os brotos é pedido a permissão ao dono da mata, pois tudo que tem marca possui espírito os *Vēnhkuprĩ*⁷.

No caso da retirada do broto do pinheiro para servir de alimento, é pedido permissão da retirada para o dono, desta forma todas as propriedades alimentícias e benefícios irão estar presentes na alimentação, que nutre o corpo e o espírito Kaingang. O pinhão é um dos alimentos mais consumidos por nós Kaingang, seus frutos ficam maduros quando o inverno está próximo, e para mantermos a sua conservação depois que ele é retirado das copas dos pinheiros em forma de pinha, armazenávamos nos tempos de antigamente dentro de rios em pequenos cestos cobertos por pedaços de pano ou sacolas plásticas, ou enterrávamos na terra próximo do rio, a umidade antinha o pinhão fresco e duraria todo o inverno. Assim como a araucária que nos fornece o alimento, sua casca queimada ao fogo, se transforma em tintura que adentra na pele como forma de proteção espiritual e de identificação da marca exogâmica *Kamē*. Seus pesados nós-de-pinho é utilizado para fins medicinais, ele alimenta os fogos *Kamē* e *Kanhru*⁸ no *Kiki Koy*, uma homenagem aos mortos Kaingang.

Saliento que o pinheiro faz parte da nossa identidade enquanto povo Kaingang, faz parte da nossa essência e dos nossos territórios, ele é *Kamē*, é forte e continua existindo e resistindo ao tempo, ao desmatamento, à vaidade humana dos *Fóg*⁹ que só veem o pinheiro como forma de gerar lucro, para nós ele é Kaingang porque faz parte das nossas histórias e possui uma relação espiritual e cosmológica com os nossos antepassados, nossos troncos velhos.

Dentro deste espaço delimitado, há escolas indígenas do governo do estado e escolas municipais, assim como postos de saúde, igreja evangélica e igreja católica, pequenas “bodegas” de venda de alimentos, doces e salgados, borracharia e salão de beleza. Todos administrados por indígenas, são locais muito frequentados pela população indígena, pois sabe-

KAINGANG DA TERRA INDÍGENA XAPECÓ/SC. In: Semana Acadêmica de História (UDESC), Florianópolis, 2019. Anais Semana Acadêmica de História, 2019.

⁶ No decorrer do texto, descrevemos sobre as marcas exogâmicas do povo Kaingang *Kamē* e *Kanhru*.

⁷ Para nós Kaingang, a palavra *Vēnhkuprĩ*, se refere aos espíritos, almas dos nossos antepassados.

⁸ *Kanhru*: Metade tribal Kaingang que tem a marca redonda em forma de um círculo.

⁹ *Fóg*, é uma palavra que utilizamos para nos referir ao não indígena.

se que há em torno de 5.730¹⁰ indígenas, de acordo com os dados do polo base SESAI¹¹, do município de Ipuçu.

O território onde estamos localizados, em Santa Catarina, é um lugar de moradia e de residências de muitas famílias Kaingang, além de ser de grande importância o espaço que habitamos e que possuímos para realizarmos nossos rituais, e plantarmos nossas ervas medicinais. Além disso, o espaço sagrado para nós mulheres Kaingang, é a mata, onde buscamos uma conexão espiritual com os seres que nela habitam e existem. Este contato com os seres da mata, advém da relação com as maracas exogâmicas *Kamē* e *Kanhru*. Desde a história de nossa origem, as marcas nos acompanham, em nosso corpo e está presente ao nosso redor, nas plantas, nos animais, nos artesanatos, nas pinturas corporais, nas danças e nos rituais. A marca exogâmica *Kamē*, pertence ao dia, e todos os seres que são diurnos possuem a mesma marca que nós humanos possuímos, a marca em formato de riscos retangulares, que representa o sol. A marca exogâmica *Kanhru*, pertence à noite, e todos os seres que pertencem à mesma marca que possui o formato de bolinhas circulares que está ligada à lua.

Nós, Kaingang, acreditamos que o ser humano surgiu das profundezas da terra. Assim nascem os Kaingang *Kamē* pela manhã ao nascer do sol e os *Kanhru* nascem à tarde, ao pôr do sol. Não sabendo comunicar-se com os animais que já existiam neste mundo eles então ofereceram ajuda e ensinaram o Kaingang a falar, cantar, caçar, pescar e as artes dos artesanatos feitos de pedra, madeira, palhas, taquaras, cipós.¹²

Em outras versões sobre a história de origem do povo, como Telêmaco Borba (1908)¹³ descreve sobre uma grande inundação que cobriu toda a terra onde nossos antepassados viviam, as almas dos *Kamēs* que se afogaram, foram morar no centro da serra, do alto de uma montanha chamado “Crijijimbé”, alguns *Kanhru* conseguiram chegar ao alto da montanha, ficaram dias se segurando em galhos de árvores, esperando a água abaixar. Quando ouviram alguns animais que traziam a terra, a água foi diminuindo, formando um grande lago. Depois deste episódio histórico da versão da origem do nosso povo, as duas marcas renascem, assim como os animais. As marcas *Kamē* e *Kanhru* fazem parte da nossa vida, cultura e tradição há milênios, e são de extrema importância para nossa identidade Kaingang. Nas histórias narradas, fica evidente a

¹⁰ Número da população indígena registrada, em 24/01/2021.

¹¹ Secretaria Especial de Saúde Indígena.

¹² BIAZI, 2017, p.94.

¹³ Para saber mais ver em: BORBA, Telêmaco. **Actualidade indígena: Typ e Lytog**. Curitiba: A Vapor Impressora Paranaense. 1908.

relação nossa com a terra, com o território. O etnólogo Curt Nimuendajú, descreve o relato dos Kaingang do Paraná, sobre a história de origem do povo:

A tradição dos Kaingang conta que os primeiros desta nação saíram do chão, por isso eles tem a cor da terra. Numa serra no sertão de Guarapuava, não sei bem aonde, dizem eles que até hoje se vê o buraco pelo qual eles subiram. Uma parte deles ficou em baixo da terra onde eles permanecem até agora, e os que cá em cima morrem vão se juntar outra vez com aqueles. Saíram em dois grupos, chefiados por dois irmãos por nome. *Kanerú* e *kamé*, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe um número de gente de ambos os sexos. Dizem que *Kanerú* e a sua gente toda eram de corpo fino, peludo, pés pequenos, ligeiros tanto nos seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. *Kamé* e os seus companheiros, ao contrário eram de corpo grosso, pés grandes, e vagarosos nos seus movimentos e resoluções. Como foram estes dois irmãos que fizeram todas as plantas e animais.¹⁴

Assim como Nimuendajú escreve a narrativa oral, sobre a origem do povo e sua relação com o território, animais e plantas, Telêmaco Borba registra outra história oral dos Kaingang do Paraná, em 1908. Fazendo uma análise da narrativa de Borba, alguns elementos que fazem relação com o corpo e território da qual falamos e escrevemos em nossas escritas e pesquisas indígenas.

Em tempos idos, houve uma grande inundação que foi submergindo toda a terra habitada por nossos antepassados. Só o cume da serra Crinjijimbé emergia das agoas. Os Caingangues, Cayurucrés e Camés nadavam em direção a ella levando na bocca achas de lenha incendiadas. Os Cayurucrés e Camés cançados, afogaram-se, suas almas foram morar no centro da serra. Os Caingangues e alguns poucos Curutons, alcançaram a custo o cume de Crinjijimbé, onde ficaram, uns no solo, e outros, por exiguidade de local, seguros aos galhos das árvores, e alli passaram muitos dias sem que as agoas baixassem e sem comer, já esperavam morrer, quando ouviram o canto das saracuras que vinham carregando terra em cestos, lançando-a à agoa que se retirava lentamente. Gritaram elles às saracuras que se apressassem, e estas assim o fizeram, amiudando também o canto e convidando os patos a auxiliar-as, em pouco tempo chegaram com a terra ao cume, formando como que um açude, por onde sahiram os Caingangues que estavam em terra; os que estavam seguros aos galhos de arvores, transformaram-se em macacos e os *Curutons* em bugios. As saracuras vieram com seo trabalho, do lado donde o sol nasce, por isso nossas agoas correm todas ao Poente e vão todas ao grande Paraná. Depois que as agoas seccaram, os *Caingangues* se estabeleceram nas immediações de *Crijijimbé*. Os *Cayurucrés* e *Camés*, cujas almas tinham ido morar no centro da serra, principiaram a abrir caminho pello interior dela, depois de muito trabalho chegaram a sahir por duas veredas, pela aberta por *Cayurucrê*, brotou um lindo arroio, e era toda plana e sem pedras, dahi vem elles conservado os pés pequenos outro tanto não aconteceu a *Camé*, que abriu sua vereda por terreno pedregoso, machucando elle, eos seos, os pés que incharam na marcha, conservando por isso grandes pés até hoje. Pelo caminho que abriram não brotou agoa e, pela sede, tiveram de pedil-a a *Cayurucrê* que consentio que a bebessem quanto necessitassem. Quando sahiram da serra mandaram os *Curutons* para trazer cestos e cabaças que tinham deixado em baixo, estes, porem, por preguiça de tornar a subir, ficaram alli e nunca mais se reuniram aos *Caingangues* por esta razão, nós, quando os encontramos, os pegamos como nossos escravos fugidos que são. Na noite posterior à sahida da serra, atearam fogo e com a cinza e carvão fizeram tigres, *Ming*, e disseram

¹⁴ NIMUENDAJÚ, 1993 [1913], p.58-59

a elles: - vão comer gente e caça; estás, porém, não tinham sahido com os ouvidos perfectos, e por esse motivo não ouviram a ordem, perguntaram de novo o que deviam fazer, *Cayurucré*, que já fazia outro animal disse-lhes gritando e com Mao modo; vão comer folha e ramos de arvore, desta vez ellas, ouvindo, se foram: eis a razão por que as antas só comem folhas, ramos de arvores e fructas. *Cayurucré* estava fazendo outro animal, faltava ainda a este os dentes, lingoa e algumas unhas, quando principiou a amanhecer, e, como de dia não tinha poder para fazel-o, poz lhe às pressas uma varinha fina na bocca e disse-lhe: - você, como não tem dente, viva comendo formiga; eis o motivo porque o tamandoá, *Ioty* é um animal inacabado e imperfeito. Na noite seguinte continuou e fel-os muitos, e entre elles as abelhas boas. Ao tempo que *Cayurucré* fazia estes animaes, *camé* fazia outros para os combater, fez os leões americanos (*mingcoxon*), as cobras venenosas e as vespas. Depois de concluído este trabalho, marcharam a reunir-se aos *Caingangues*, viram que os tigres eram maos e comiam muita gente, então na passagem de um rio fundo, fizeram uma ponte de um tronco de arvore e, depois de todos passarem, *Cayurucré* disse a um dos *Camé*, que quando os tigres estivessem na ponte puxassem esta com força, afim de que elles cahissem na agoa e moresem; assim fez o de *Camé*, mas, dos tigres, uns cahiram a agoa e mergulharam, outros saltaram ao barranco e seguraram-se com as unhas, o de *Camé* quis atiral-os de novo ao rio, mas, como os tigres rugiam e mostravam os dentes, tomou-se de medo e os deixou sahir: eis porque existem tigres em terra e nas agoas. Chegaram a um campo grande, e reuniram-se aos *Caingangues* e deliberaram cazar os moços e as moças. Cazaram primeiro os *Cayurucrés* com as filhas dos *camés*, estes com as daquelles, e como ainda sobravam homens, cazaram-se com as filhas dos *Caingangues*. Dahi vem que, *Cayurucrés*, e *Camés* e *Caingangues* são parentes e amigos.¹⁵

De acordo com os relatos dos *Kófas*¹⁶, as narrativas que são descritas dos Kaingang do Paraná, possuem uma relação com o lugar de memória, sobre a história de origem do povo, dizem que em algum lugar de Guarapuava no Paraná, há um lugar específico de onde saímos do chão, os *Kamē* e os *Kanhru*, como descreve Nimuendajú sobre a narrativa de origem do povo, “[...] os primeiros desta nação saíram do chão, por isso eles tem a cor da terra. Numa serra no sertão de Guarapuava, não sei bem aonde, dizem eles que até hoje se vê o buraco pelo qual eles subiram”¹⁷. A partir da história de origem do povo Kaingang, podemos perceber a relação com todos os elementos da nossa cultura e tradição, que fazem parte da nossa identidade.

Corpo e Território: lugares e memória da mulher Kaingang

O corpo e o espírito ligado ao território, desde as histórias de nossa origem, desta forma, seguimos os saberes ligados à memória de nossos ancestrais, onde a memória pode ser ativada com os lugares de ocupação territorial. A memória que compõe uma história, fica registrada por acontecimentos marcantes, seja bom ou ruim.

¹⁵ BORBA 1908, p. 20 e 21.

¹⁶ *Kófas*: Velho, sábio.

¹⁷ NIMUENDAJÚ 1993, p. 58.

Quando se trabalha relatos de história ligados à memória, levamos em conta a fase em que a pessoa se encontra com suas memórias, pois as datas não são recordadas e sim algum evento importante que faz com que a memória possa ser ativada. De acordo com NÖTZOLD e BRINGMANN¹⁸, a memória é dinâmica e está ligada ao passado, sendo assim, pode ser memória individual ou grupal, onde pode-se perceber as narrativas mutáveis, com variações perceptíveis no silêncio ou na entonação da voz.

O passado contido na memória é dinâmico como a própria memória individual ou grupal. A narrativa da memória é mutável, sofre variações que vão da ênfase e da entonação a silêncios e disfarces. O que foi lembrado, como foi narrado, em que circunstância foi evocado o fato; tudo isso integra a narrativa, que sempre nasce na memória e se projeta na imaginação, que por sua vez, se materializa na representação verbal que pode ser transformada em fonte escrita. Memória, imaginação e representação são bases que sustentam qualquer narrativa sobre o passado e o presente.

Através das minhas observações sobre as narrativas orais, a cada entonação de voz ou quando o silêncio se faz presente no meio das conversas, são falhas da memória, devido ao tempo ou pelo fato de sofrer um trauma do passado, desta forma, este acontecimento fica no esquecimento da memória de cada um, e o que lembramos é algo que ficou marcado, como um aprendizado ou como uma saudade de algum objeto, ambiente ou até mesmo de uma pessoa. Este silêncio a qual me referi, está ligado aos segredos que possuímos, que somente podem ser repassados entre nós Kaingang. Muitas vezes quando isso acontece, de parar em meio a narrativa para pensar no que falar ao ouvinte, pode haver neste intervalo da memória, a necessidade de selecionar as palavras certas a serem pronunciadas naquele determinado momento. Pois, há palavras certas a serem pronunciadas pelas nossas *Kófas*, e também há momentos próprios, para poderem falar certos assuntos; há tempo, horário, e lugar apropriado para transmitir os conhecimentos orais, descritos por muitos autores como narrativas.

Quando conversamos com os mais velhos, seja nossos pais, avós, parentes próximos, especialistas em cura, nossos *Kófas*; buscamos nos dedicar a aprender através da oralidade. Cada lembrança, memória recordada por eles, é pronunciada com muitos significados cosmológicos. Sabemos que este saber está dentro de nós, está em nossa memória. Aquele momento fica registrado quando há esta passagem do conhecimento ao redor do fogo de chão, do fogão a lenha, na mata, na comunidade, na prática de atividades de ensinamento. São nossos olhos e ouvidos que buscam captar o saber que está sendo transmitido para que a pessoa saiba

¹⁸ NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe, BRINGMANN, Sandor Fernando. **Apostila de Metodologia da Pesquisa I** (cópia mimeografada). Florianópolis: UFSC. 2011, p.4 e 5.

o valor, a importância do que foi pronunciado. A fala possui grande poder de pronúncia, o poder de transformar a pessoa em alguém respeitado e conhecido por toda comunidade, assim é o *Kujá*¹⁹, Benzedeiras, Remedeiras e Parteiras que são conhecidos por todos pelo seu conhecimento vasto sobre o poder que as plantas e a mata possuem, o poder espiritual conectado ao mundo cosmológico.

São os lugares de memória, que estes especialistas buscam para poderem se conectar com a espiritualidade. Buscam uma relação com as plantas, os animais, a mata e o outro mundo chamado de *Nũmẽ*²⁰. São ambientes de conexão espiritual com os guias *Jagrẽ*²¹, no caso do *Kujá*, com a própria espiritualidade da fé. Estes são lugares de transmissão de conhecimento, como a escola, um espaço onde há muito saber sendo transmitido pelo professor. Para as especialistas, a mata, os seres da mata, os guias humanos e não humanos são os seus professores, que lhe passam o conhecimento do poder e do segredos que a mata possui. Assim como os outros mundos cosmológicos que existem em nossa tradição, estes outros planos cosmológicos são acessados quando há esta troca de aprendizado, quando há a formação pessoal e espiritual de cada especialista mencionado.

A kujá Divaldina da mesma aldeia que a Lindaci conta como recebeu o dom de curar as pessoas e de ver através de seus poderes e guias o que nós humanos não enxergamos. Iniciou o processo de formação aos cinco anos de idade, disse que aprendeu com o monge São João Maria de Agostino, disse que foi seu primeiro guia que se manifestou para iniciar a sua formação e aprendizado da mata.²²

O significado do território para nós Kaingang, vai muito além do significado que a palavra anuncia, pode não haver palavras para poder explicar o tamanho da importância que o território

¹⁹ *Kujá*: Os *Kujás* são pessoas tanto da marca tribal *Kamẽ* quanto *Kanhru*, são líderes espirituais, que ajudam a proteger a comunidade de doenças, além de outras coisas que são ruins para nós Kaingang, ele é um mediador entre os mundos dos humanos e não-humanos. São conhecidos também pelo nome de “pajé”, “curador” ou “xamã” a denominação depende do grupo indígena que os reconhece por outros nomes. Eles possuem guias espirituais chamados de *Jagrẽ*, podendo ser animais, plantas, vegetais e santos do panteão católico como: Nossa Senhora Aparecida e principalmente do Monge São João Maria. Para saber mais sobre o Monge São João Maria e os guias espirituais do *Kujás* ver em: BIAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha De; ERCIGO, Terezinha Guerreiro. **A formação do kujá e a relação com seus guias espirituais na Terra Indígena Xapecó/SC**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica). Florianópolis: UFSC. 2014. BIAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha De. **Espiritualidade e conhecimentos da mata na formação dos especialistas de cura Kaingang da Terra Indígena Xapecó/SC**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Florianópolis: PPGAS/UFSC. 2017.

²⁰ *Nũmẽ*: mundo dos mortos, dos espíritos.

²¹ *Jagrẽ* são os guias espirituais invisíveis, que falam e possuem conhecimentos ancestrais e que só podem ser vistos pelo *Kujá*, são animais, plantas e santos do panteão católico.

²² BIAZI, 2017, p. 179.

é para nós indígenas, é um lugar de muita vida, repleto de luz e de energias que a mata e os seres transmitem. É vida,

Quando nós povos indígenas descrevemos o território tradicional, estamos falando do lugar sagrado, da nossa mãe terra, lugar este que fazemos nossos rituais que buscamos nossos alimentos da nossa cultura, buscamos a matéria prima para confeccionar nossos artesanatos, as roupas e adornos para as danças Kaingang. Claro que, quando mencionamos território voltamos às lembranças dos tempos de antigamente, dos nossos pais, avós e bisavós, tempo este que viviam de caça, pesca e coleta e tinham imensos territórios repletos de alimentos para nossa sobrevivência.²³

Estes espaços de transmissão do conhecimento, possuem um elo com o território tradicional, com os lugares de memória do povo, são lugares que possuem uma energia, possui um dono. Para nós mulheres é um espaço que podemos manter nossa cultura e tradição, manter nossos próprios rituais. Nós mulheres que não somos especialistas, mas que possuímos o saber de lidar com o poder que a terra nos proporciona. Assim como as especialistas de cura, possuem este saber muito mais aprimorado, através dos seus processos de formação pessoal e espiritual que envolvem terra, os astros, os seres, o dono da mata, os guias espirituais e os elementos como a água, ar, chuva, vento, neblina.

Para nós Kaingang e para os especialistas o território é uma relação espiritual, este vínculo com nosso habitat está ligado às nossas histórias mitológicas e cosmológicas. Desta forma a compreensão é diferente, pois estes especialistas como o Kujá, Benzedor (a) e Remedieiro (a), veem de outra forma, já quem não é especialista, possui outro olhar sobre o território tradicional do povo que é compreendida pela percepção desta ligação cultural que todos nós Kaingang possuímos com o espaço o lugar chamado território.²⁴

O significado para nós mulheres Kaingang, é ancestral e espiritual, nosso corpo e espírito possui uma conexão com o território. Nossa ancestralidade se une a muitos significados possíveis sobre o território sagrado, nossa mãe, nossa casa, nossa morada. O sentimento é diferente de mulher para mulher, mas a semelhança do significado espiritual é único, pois, vemos o território como a nossa mãe, quando nos sentimos tristes e precisando de conselhos, buscamos o colo e o carinho da mãe. Com o território não é diferente, pois podemos estar longe dele, mas quando nos sentimos tristes, precisando da energia da terra, da ancestralidade que está conectada, da cura e da espiritualidade que ela transmite, recorreremos ao território através dos nossos rituais e da cosmologia Kaingang.

²³ **BIAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha de.** Os especialistas Kaingang e sua relação com o território tradicional envolvendo suas práticas de cura e de formação espiritual. **X Encontro Regional Sul de História Oral (UFPR)**. Curitiba, 2019. Anais do X Encontro Regional Sul de História Oral. ISSN 2318-6895, 2019, p. 5.

²⁴ BIAZI, 2019, p. 6.

Saberes ancestrais: práticas tradicionais

Os saberes ancestrais circulam dentro da comunidade indígena, e principalmente dentro dos núcleos familiares, o que é ancestral de cada família, é transmitido para seus parentes próximos, que envolve a prática deste conhecimento e do saber que está inserido na oralidade de cada um.

Os lugares envolvendo o território indígena, são lugares de memória, lugares que foram muito visitados e habitados por nós nos tempos de antigamente e que ainda hoje há movimentação de pessoas do povo que buscam, estes lugares para poderem se conectar com o outro, seja no mundo espiritual, mundo cosmológico ou com seres humanos e não humanos. Buscamos nos conectar com as raízes do conhecimento que pode ser acessado pela reflexão, pelo silêncio, pela prática, pela transmissão.

Estes lugares podem estar dentro da própria casa da pessoa, que são espaços práticos de conhecimentos que são compartilhados no momento da prática, da fala, do ouvir, do observar. Às vezes pode parecer que alguns destes lugares, a qual nós indígenas pontuamos em relação ao saber, podem ser acessados por qualquer pessoa, podem ser compreendido pelos *Fóg*²⁵, há saberes e lugares que possuem sua importância e, por conseguinte, são repletos de significados que são compreendidos por nós de outra forma. O saber ancestral e tradicional é descrito por nós como algo que está inserido em nós, no nosso ser indígena. Os ambientes que são ricos, podem ser destacados pelo saber da mulher indígena Antoninha²⁶, o lugar da mata e da casa, no

²⁵ *Fóg* é uma palavra da língua Kaingang que significa não indígena.

²⁶ Mulher indígena do povo Kaingang pertencente à marca exogâmica Kanhrú, nasceu em 30 de outubro de 1968, natural da Terra Indígena Xaçecó, casada há 31 anos com Francisco Padilha, não indígena, possui 3 filhas mulheres, residente na aldeia Sede da Terra Indígena Xaçecó. Filha de Malvina Norberto e Sebastião Belino (In memória). Quando se casou, residiu fora da Terra Indígena, pois as leis internas proibem a permanência da mulher quando se casa com um não indígena, somente é permitido fixar residência quando o homem se casa com uma não indígena. É um povo que segue as regras das metades exogâmica, que é patrilinear, mas hoje nós mulheres indígenas Kaingang, buscamos descrever outra versão do poder e protagonismo da mulher que possui marcas e é indígena, além de possuir muitas outras obrigações, por muito tempo ficamos fora do contexto das histórias já escritas e publicadas por autores historiadores, etnólogos e antropólogos, desde o contato com os *Fóg* (não indígena). A partir das nossas escritas, buscamos evidenciar a fala, memória e resistência da mulher Kaingang, principalmente da fala da nossa mãe Antoninha, levando informação ao leitor, sobre nossa origem e linhagem da família “Belino”, que hoje é umas das maiores famílias dentro da TI Xaçecó. Além de deixar claro, que nossa árvore genealógica faz parte de uma família que lutou para existir, resistindo o tempo após o contato, e que nossas marcas exogâmica são matrilineares também, sem nós mulheres não há vida, nascemos da terra, levamos a terra com nós a vida toda, somos conectadas com a espiritualidade é uma dádiva de gerar um filho, dentro do nosso ventre, como a semente que é plantada na terra, e se enraíza, saindo os brotos para fora dela, respirando e recebendo nutrientes do universo. Assim somos nós, carregamos o filho no ventre, ao nascer se conecta com a terra, a partir do umbigo enterrado na terra, dos rituais feitos com os elementos que há no universo, água, terra e ar. Nós mulheres somos árvores, e estamos reflorestando as mentes da sociedade indígena e não indígena, com o poder de fala e de presença, não somos uma, somos muitas, e neste artigo há muitas vezes, há muitas mulheres de poder e protagonistas da história que aqui está sendo contada, narrada do conhecimento

espaço interno e externo, cada palavra dita, enunciada são carregadas de muita emoção, da própria memória que se desloca para as lembranças dos tempos vividos, do tempo que foi vivenciado por ela, como sendo repletos de muito saber e da sua fala potente.

Figura 1: Antoninha realizando atividades práticas, alimentando o corpo e a mente, transmitindo conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal das autoras

Cada espaço da casa onde vive, é lugar de transmissão de conhecimento, claro que há momentos certos de certos saberes, mas todo dia é dia de aprender, principalmente com quem sempre lutou para manter a família unida, ensinando os valores de cada momento, pois nós Kaingang da marca *Kanhru* somos muito família, há uma ligação sagrada que possui uma relação com os nossos umbigos que foram enterrados no território Kaingang, por conta deste elemento, somos ligados a terra desde o nascimento do povo, e parte do nosso corpo “o umbigo” é enterrado, fazendo com que nossos sentimentos e ligação com a família, mãe terra, esteja forte.

A prática tradicional a qual nossa mãe Antoninha nos ensinou, compartilhou, foram os lugares espirituais de busca de cura, como as águas santas de São João Maria (SJM), águas que

que percorreu por muitas ancestrais, e de geração em geração, transmitimos nosso conhecimento às futuras gerações.

são sagradas e que curam nosso povo. Estes lugares são chamados por este nome, devido a história oral que nossos ancestrais destacam sobre o xamanismo Kaingang, também são conhecidos por “pocinhos”, pelos moradores da Terra Indígena Xapecó/SC; é o local que ficou sagrado, quando o monge São João Maria dormiu neste lugares, durante suas caminhadas e visitas nos lugares dentro do território Kaingang.²⁷

As ‘águas de São João Maria’ são fontes de água limpa (muitas vezes nascentes de rios) consideradas poderosas. As águas são atribuídas à passagem do santo pelo lugar, mais especificamente onde ele acampa, como nos conta Celestino: “é onde é o pocinho dele. Onde ele posou faz a água. Fica boa, não seca nunca. (...) É água pra ocupar, pra fazer remédio, pra fazer comida, pessoa que não ponha porcaria, cuide da água”. Geralmente elas se localizam num local remoto das propriedades, onde ainda há mato fechado que a proteja. [...] Capelas são construídas perto das águas e marcam o tempo que o devoto do santo mantém a fé no catolicismo e no próprio SJM. Portanto, zelar pela capela e pela água serve de medida para a permanência das práticas religiosas naquela família. [...] As vezes a capela resume-se a um pequeno altar com imagens de santo, com um simples telhado que as cobre. Outras vezes, é uma sala com mais imagens e altares internos, onde algumas pessoas, geralmente os rezadores, adentram para participar dos eventos. Nas “águas” onde não são construídas capelas, ao menos se tem um cuidado dos moradores para que não se estrague a água.²⁸

A figura a seguir, mostra a água de SJM, localizada dentro da Terra Indígena Xapecó, na aldeia Barro Preto, é um dos lugares mais frequentados por toda comunidade indígena e não indígena também, neste local são realizados batismo de crianças com a presença de *Kujá*, Benzedores, Remedieiros. No dia 15 de setembro é comemorado o dia de SJM, por aqueles que são devotos do monge, alguns especialistas organizam almoço em suas casas ou no mesmo local da água santa, contam que este dia é celebrado em homenagem do dia do São João Maria, em algumas ocasiões quando há crianças a serem batizadas, a igreja católica é informada, e o padre algumas irmãs vão até o local e realizam o batismo das crianças Kaingang na água santa da aldeia Barro Preto, este batismo é feito com a presença dos especialista em cura Kaingang, principalmente o *Kujá* e Benzedores, na ocasião a criança tem um “triplo” batismo, “sendo batizado ao mesmo tempo: a) pelo *kujá*, onde ocorre o batismo Kaingang, em que a criança recebe o seu nome indígena; b) pelo padre no catolicismo oficial; c) pelo *kujá*, benzedor ou padre na “água santa” de São João Maria.”²⁹

²⁷BIAZI, 2017, p. 193.

²⁸GHIGGI JUNIOR, Ari. **Uma abordagem relacional da atenção à saúde a partir da Terra Indígena Xapecó**. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Florianópolis: UFSC. 2015, p.197-200.

²⁹BUBA, Nathan Marcos. **UMA TERRA INDÍGENA ENCANTADA: RESSIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS EM NOME DE SÃO JOÃO MARIA ENTRE OS KAINGANG DO XAPECÓ/SC**. Dissertação (mestrado) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020, p. 169.

Os padres, na maioria das vezes, fazem o batismo de algumas crianças nas águas santas (Oliveira, 1996, p.142), mas boa parte é batizada pelos benzedores ou *kujás*. Os pais escolhem os padrinhos da criança e são escolhidos de acordo com a amizade ou desejo. Os padrinhos da criança tornam-se seus segundos pais, protegendo, aconselhando-os pelo resto da vida, o compadrio na TIX, entre nós Kaingang, é muito respeitado, as crianças respeitam seus padrinhos, sempre que os veem pedem a sua bênção. Este é um gesto entre os padrinhos e afilhados.³⁰

A Kaingang Antoninha sempre nos contava sobre este local, onde possuía uma capela com a imagem de Nossa Senhora Aparecida e do próprio monge SJM, neste local onde foi batizada quando criança, é um lugar sagrado e repleto de lembranças de sua infância. Quando recorda dos “tempos piquinininhos”, como se refere à memória dos tempos vividos do passado, seus olhos se enchem de lágrimas, sua voz fica falha, gagueja, como se tivesse um “nó na garganta”. São sentimentos acompanhados por lágrimas, pois se recorda da sua mãe, nossa avó Malvina Norberto e do pai, o “nôno” Sebastião Belino, que já faleceram. Sua ligação com a família é percebida através dos seus ensinamentos dos saberes tradicionais Kaingang, dos saberes de prática que são passados de geração em geração.

Figura 2: Água santa do São João Maria, localizada na aldeia Barro Preto da Terra Indígena Xaçupé/SC.



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

³⁰ BIAZI, 2017, p. 128 e 129.

Conhecimento e educação tradicional Kaingang: uma abordagem da educação escolar indígena

A inserção da escola dentro da Terra Indígena Xaçepó, teve influência com a entrada do SPI, a primeira escola indígena teve o professor indígena Felicíssimo Belino. Inicialmente a escola recebia somente alunos indígenas, crianças que vinham de uma realidade familiar de forte contato com os *Fóg*, de uma memória triste de alguns dos pais. Pois; o contato e a tutela, as lutas e reivindicações dentro da Terra Indígena Xaçepó, levaram o medo para nossos *Kófas*, o medo de falar na nossa língua e de ser silenciado. Para sobrevivermos, nossos ancestrais; aceitaram muitas regras que foram impostas pelos *Fóg*, uma forma de sobreviver e para poder existir, e desta forma, chegar a um tempo em que estas histórias de muita luta, fossem escritas, uma forma de manter as narrativas de luta e de conquista registrada.

A escola nos tempos de antigamente, teve o papel de re-viver a memória, a língua falada, que haviam ficado escondidas por muito tempo, e a presença de um professor indígena, só reforçava esta nova ideologia, de poder levar o conhecimento ao povo, e que as futuras gerações pudessem usar o saber, o conhecimento como uma arma de defesa, contra o preconceito, contra a ignorância de uma sociedade que desconhecem a existência e os saberes dos povos indígenas. Uma poderosa defesa que jamais poderão nos tirar, é a educação que recebemos, que nos foi passada, seja uma educação tradicional ou escolar, nenhuma delas se perderá ou que cairá em mãos erradas. A educação tradicional Kaingang é o bem mais precioso que nós Kaingang temos, enquanto guardiões de um conhecimento ancestral. Somente nós sabemos olhar de forma diferente e de poder compreender o que nossos *Kófas* estão nos ensinando, seja no silêncio, com palavras ou nos rituais, não questionamos o porquê, somente absorvemos e entendemos com o olhar e com as palavras que saem da boca dos *Kófas*, dos nossos pais, avós, dos especialistas e dos nossos professores.

Igualmente na década de 30, o SPI iniciou a implantação de diversas escolas em comunidades indígenas, cujo objetivo era a integração do indígena à sociedade nacional, por meio de um processo gradativo em que a cultura étnica seria substituída pela cultura civilizada e civilizadora, resultando na cultura nacional e dominante.³¹

³¹ NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; MANFROI, Ninarosa Mozzato da Silva. **Professor Felicíssimo Belino e a primeira elicíssimo Belino e a primeira escola para os Kaingáng: a memória compoendo a história e a história registrando a memória.** Cadernos do CEOM – V. 21, n. 28 - Memória, História e Educação. Ed. Argos, Chapecó, 2008, p. 305.

Em meados da década de 1960, a primeira escola indígena a ser criada dentro do território da Terra Indígena Xaçecó, foi a Escola Estadual São Pedro, localizada na aldeia Água Branca, e depois de alguns anos ela foi transferida para a aldeia sede, e passou a ser chamada de Escola Isolada Federal Posto Indígena Xaçecó. Por volta de 1984, a escola passou por outro formato do seu nome, a qual passou a ser chamada de Escola Federal Vitorino Kondá. Já em 1999 a escola trocou o nome passando a ser chamada de Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê³².

Figura 3: Placa da Escola Federal Vitorino Kondá e placa de inauguração da Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê.



Fonte: Acervo pessoal de Andrea Mara Bazzi, 2021.

A narrativa de Antoninha, é relatada como “os tempos difíceis”, ou “tempos piquinininho”, são memórias de sua vida na infância, memórias de uma criança Kaingang que viveu nos tempos de antigamente. Na infância frequentava a escola, que se localizava no mesmo local onde lecionava o professor indígena Felicíssimo Belino, mas no seu tempo, o professor indígena da escola que lecionava a disciplina de língua Kaingang era Vitalino, e a professora de língua portuguesa era Marcia. Sua casa ficava próxima da escola, localizada perto do rio Chapecózinho, levava seu material escolar doado pela escola em um saco plástico de embalagem de arroz, açúcar. Nos dias rigorosos do inverno, acordava pela manhã para ir à escola, a Terra Indígena amanhecia com os campos cobertos de geada, não tinha calçado

³² NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; ROSA, Helena Alpini. **História e cultura Kaingang**: Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê. Florianópolis: Pandion, 2011, p. 31.

fechado para ir à escola, o chinelo de dedo era o que a protegia parte do pé quando saía de casa “moendo o gelo da geada”³³.

A estrutura da escola naquele tempo era de madeira, assoalhada. Ficava localizada no local conhecido por Voltão, na aldeia Banhado Grande, que hoje se conhece como Sede, ficava localizada bem ao alto da aldeia, onde podia se avistar a mata fechada de araucária, na fala de Antoninha “era um pinhalão”, havia muitos pinheiros naquele tempo, antes da chegada de madeiras e de agentes do Serviço de Proteção aos índios.

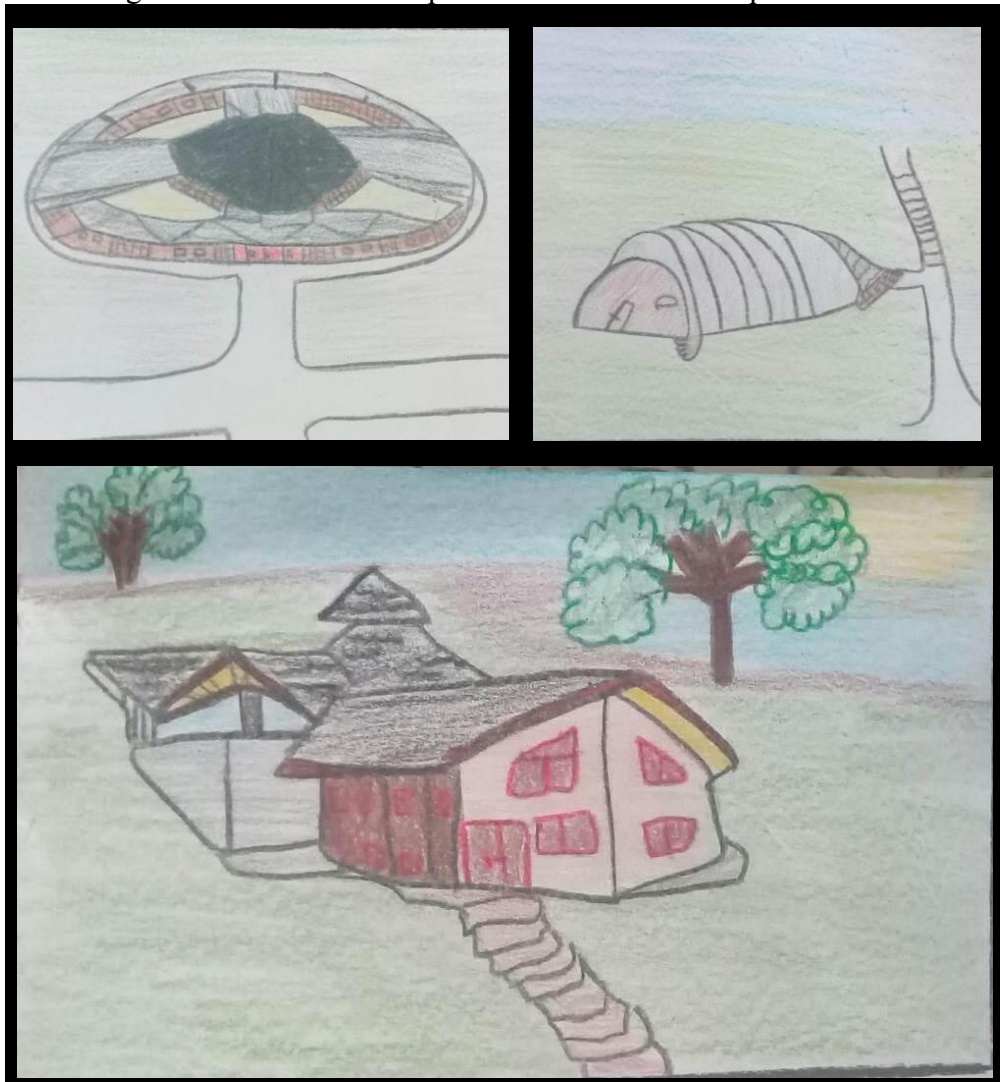
Depois de passar por alguns nomes, como já referido no texto, a escola indígena mudou-se de lugar dentro da aldeia, ficou por alguns anos localizada na aldeia Sede, onde hoje funciona a Escola de Educação Infantil, que pertence ao município de Ipuçu. Atualmente a EIEB Cacique Vanhkre, passou a funcionar no novo local, com sua arquitetura toda planejada e pensada a partir da cultura Kaingang, em formato de animais que diz muito da nossa relação com a história de origem do povo e das nossas marcas *Kamē* e *Kanhru*. De acordo com Nauíra Zanin, “Um entrevistado esclareceu que o desenho surgiu ao pensarem na organização social Kaingang: o círculo utilizado na escola representa uma das metades (*Kairu*); o tatu, a outra (*Kamé*). Além disso, o tatu e a tartaruga são utilizados na alimentação.”³⁴. Abaixo podemos observar melhor a arquitetura da escola Cacique Vanhkrē, que foi projetada a partir da participação e contribuição dos pais, da comunidade e dos professores, assim como o arquiteto responsável pela obra de forma técnica Ires Lopes da Silva³⁵, e a contribuição dos esboços dos desenhos projetados por um indígena do povo Xerente, o professor Ubiratã casado com uma mulher do povo Kaingang.

³³ Uma expressão a qual se refere, caminhando sobre a geada, com os barulhos dos pequenos gelos quebrando ao pisar, a expressão é descrita por “moendo o gelo da geada”.

³⁴ ZANIN, 2016, p. 12.

³⁵ ZANIN, 2016, p. 10.

Figura 4: Desenhos da arquitetura da E.I.E.B Cacique Vanhkrē.



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

[...] O projeto da EIEB Cacique Vanhkre expressa intenções, sejam elas sociais, políticas, culturais ou ambientais. [...] No discurso dos entrevistados, percebemos a clara intenção de continuidade cultural e fortalecimento de sua identidade por meio da edificação escolar, na qual as crianças podem ver refletidos alguns aspectos considerados relevantes e que foram materializados nessa arquitetura.³⁶

Sabemos que a educação escolar é importante para este processo de afirmação de nossa identidade cultural, assim como o espaço que diz respeito às práticas e saberes que são compartilhados dentro e fora da sala de aula, por isso, a presença dos nossos troncos velhos, os *Kófas* é de extrema importância. Com a presença deles no espaço da escola, é onde o saber da

³⁶ Ibidem, p. 15 e 16.

educação indígena se entrelaça com o saber da educação escolar indígena, a união de um conhecimento que é amplo e que se restringe ao povo Kaingang.

Trazendo os mais velhos para a escola para contar histórias aos alunos, ou melhor ainda, levar os alunos até eles, para demonstrar interesse em realmente ouvir e conhecer as narrativas, na zona de conforto dos nossos anciãos eles se sentiram mais seguros e importante, passaram a sentir confiança, e então entenderam que merecemos saber as memórias e histórias do nosso povo.³⁷

A educação indígena está ligada ao saber adquirido ouvindo os sábios, os troncos velhos da comunidade, tudo que é aprendido no espaço da aldeia, da casa ou da mata é visto como educação tradicional indígena, é um espaço considerado de aprendizado, onde o professor pode ~~ser os pais, avós, os Kófas~~ e os especialistas Kaingang. O espaço de aprendizado muitas vezes está na mata, onde adquirimos conhecimento através do ouvir, perceber, observar, falar e muitas vezes isso pode acontecer através do silêncio. Destacamos a importância de mostrar a diferença destes lugares para as crianças, jovens e adultos, e que em algum momento estes dois espaços de conhecimento podem ser acessados por eles, através das narrativas do povo, que podem ser acessadas dentro do espaço da escola ou fora do espaço da escola: “As narrativas Kaingang precisam ser trabalhadas na escola, ela é um mecanismo para manter a memória e a identidade de nossos antepassados vivos, para que no futuro todos percebam a riqueza que essas narrativas possuem.”³⁸

Considerações finais

Buscamos abordar neste trabalho o conhecimento da mulher Kaingang, o saber ancestral que permanece na memória e que é passado de geração em geração. Durante o ciclo de vida Kaingang, o saber é transmitido em cada ciclo, cada um com seus significados e segredos agregados, são saberes que envolvem a prática e a espiritualidade Kaingang, que são bases da cultura e da tradição do povo. Conhecimentos milenares, que seguem na memória de todos nós, e isso é passado a diante pela oralidade, prática e o convívio. Também evidenciamos a importância que o território possui para nós mulheres, sejam elas; especialistas *Kujá*, Benzedeiras, Remedieiras, parteiras, professoras, filhas, mães, avós e bisavós, são saberes que

³⁷INÁCIO, Carina; NÉRIS, Sirlene Jagniri. **A ORALIDADE COMO PROTAGONISTA NAS NARRATIVAS INDÍGENAS DA T.I. XAPECÓ - ALDEIA SEDE**. Trabalho de Conclusão de Curso em: Licenciatura Intercultural Indígena - Línguas, Artes e Literaturas. UNOCHAPECÓ. Ipuacu - SC, nov 2018, p.14.

³⁸ INÁCIO & NÉRIS, 2018, p. 14.

advém da relação que possuímos com a mata e com os seres que nela existem, e principalmente da relação que nosso corpo possui com a terra.

São muitos elementos que poderiam ser abordados, mas que serão abordados em outro trabalho escrito, pois o saber cultural é rico e extenso em conhecimentos que advém dos nossos troncos velhos. Os troncos velhos são nossos sábios, fazem parte da nossa família, das nossas marcas exogâmicas *Kamē* e *Kanhru*, por isso destacamos a importância deste trabalho para o povo Kaingang, salientamos que esta pesquisa não se esgota e que há muito a escrever sobre os saberes da mulher Kaingang, principalmente da filha, mãe e avó Antoninha Belino Padilha.

Este trabalho é uma forma de nós homenagearmos em vida nossa mãe e o conhecimento que recebeu dos nossos ancestrais, que possui muito conhecimento em sua memória, conhecimento que nos passou e que ainda está passando através da oralidade e da prática, saber ancestral dos troncos velhos, como ela diz “tempos piquinininhos” ao se referir ao tempo passado que viveu. Através da nossa escrita, mostramos um pouco da mulher especial, guerreira, que lutou para nos dar uma vida com saúde e principalmente com muita educação tradicional que recebemos e ainda recebemos - seus ensinamentos são muitos, e não se esgotam apenas não momento em que estamos junto a ela, são saberes carregados de muitos sentimentos. É uma mulher guerreira que leva seu conhecimento através da oralidade e da prática, são muitos elementos que nos identificam como sendo mulheres que carregamos um pouco de cada uma de nossas ancestrais, que ainda mantém o laço e as nossas práticas tradicionais do povo Kaingang.

Através da sua memória e vivência, podemos perceber muito sobre a história de contato do nosso povo, história de exploração e devastação das nossas matas que estão inseridas no território que compreende a Terra Indígena Xaçepó. Este trabalho que estamos realizando é de registrar a memória da nossa mãe, dos tempos que marcaram a história do povo, e principalmente do que se refere aos assuntos, temas de pesquisas que ainda não foram exploradas, descritas por nós indígenas do povo Kaingang.

Destacamos a importância da escrita de mulheres indígenas, que possuem no corpo e espírito, o conhecimento ancestral que nos foi transmitido de geração em geração. Reconhecemos que o conhecimento e saber que possuímos vem de muitos anos, foi de memória em memória, de fala em fala, de prática em prática até chegar a nós, e que seguirá a trajetória de transmissão pela oralidade e prática.

Referências

- BORBA, Telêmaco. **Actualidade indígena**: Typ e Lytog. Curitiba: A Vapor Impressora Paranaense. 1908.
- BIAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha De; ERCIGO, Terezinha Guerreiro. **A formação do kujá e a relação com seus guias espirituais na Terra Indígena Xaçecó/SC**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica). Florianópolis: UFSC. 2014.
- BIAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha De. **Espiritualidade e conhecimentos da mata na formação dos especialistas de cura Kaingang da Terra Indígena Xaçecó/SC**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Florianópolis: PPGAS/UFSC. 2017.
- BIAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha De. Os especialistas Kaingang e sua relação com o território tradicional envolvendo suas práticas de cura e de formação espiritual. **X Encontro Regional Sul de História Oral (UFPR), Curitiba, 2019. Anais do X Encontro Regional Sul de História Oral, 2019. ISSN 2318-6895**.
- BIAZI, Adriana A B P de. **O LUGAR DA MEMÓRIA NA MITOLOGIA E A RELAÇÃO COM OS RITUAIS KAINGANG DA TERRA INDÍGENA XAPECÓ/SC**. In: Semana Acadêmica de História (UDESC), Florianópolis, 2019. Anais Semana Acadêmica de História, 2019.
- BUBA, Nathan Marcos. **ADORADORES DE JOÃO MARIA ENTRE OS KAINGANG O sincretismo com as tradições indígenas e os locais sagrados na Terra Indígena Xaçecó/SC**. Trabalho de conclusão de curso de graduação em História. Florianópolis: UFSC. 2017.
- BUBA, Nathan Marcos. **UMA TERRA INDÍGENA ENCANTADA: RESSIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS EM NOME DE SÃO JOÃO MARIA ENTRE OS KAINGANG DO XAPECÓ/SC**. Dissertação (mestrado) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020
- GHIGGI JUNIOR, Ari. **Uma abordagem relacional da atenção à saúde a partir da Terra Indígena Xaçecó**. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Florianópolis: UFSC. 2015.
- INÁCIO, Carina; NÉRIS, Sirlene Jagniri. **A ORALIDADE COMO PROTAGONISTA NAS NARRATIVAS INDÍGENAS DA T.I. XAPECÓ - ALDEIA SEDE**. Trabalho de Conclusão de Curso em: Licenciatura Intercultural Indígena - Línguas, Artes e Literaturas. UNOCHAPECÓ. Ipuçu - SC, nov 2018.
- NIMUENDAJÚ, Curt. *Notas sobre a organização religiosa e social dos índios Kaingang, abril, 2013*. in: NIMUENDAJÚ, Curt; GONÇALVES, Marco Antônio (org.). **Etnografia e indigenismo: Sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará**. Pps.: 57-66. Campinas: Editora da UNICAMP. 1993.
- NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; MANFROI, Ninarosa Mozzato da Silva. **Professor Felicíssimo Belino e a primeira elicíssimo Belino e a primeira escola para os Kaingáng: a memória compoendo a história e a história registrando a memória**. Cadernos do CEOM – V. 21, n. 28 - Memória, História e Educação. Ed. Argos, Chapecó, 2008.
- NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe e MANFROI, Ninarosa. **Ouvir memórias, contar histórias: Mitos e lendas Kaingáng**. Santa Maria: Ed Pallotti. 2006.
- NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe, ROSA, Helena. Alpini, BRINGMANN, Sandor. Fernando. **Etnohistória, história indígena e educação: Contribuições ao debate**. Porto Alegre: Ed Pallotti. 2012.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; ROSA, Helena Alpini. **História e cultura Kaingáng**: Escola Indígena de Educação Básica Caciique Vanhkrê. Florianópolis: Pandion, 2011.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe, BRINGMANN, Sandor Fernando. **Apostila de Metodologia da Pesquisa I** (cópia mimeografada). Florianópolis: UFSC. 2011.

PINHEIRO, Valdemir. **INFÂNCIA KAINGANG NA TERRA INDIGENA XAPECÓ- SC: Saber e Aprender**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica). Florianópolis: UFSC. 2015.

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. **"Os kujà são diferentes": Um estudo etnológico do complexo xamânico dos Kaingang da terra indígena Votouro**. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS. 2005.

ZANIN, Nauíra Zanardo; DILL, Fernanda Machado. **EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA MANIFESTADA EM INTERVENÇÃO ARQUITETÔNICA: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA ESCOLA KAINGANG**. In: XVI Encontro Estadual de História da ANPUH-SC. 2016. Chapecó. Anais eletrônicos. Chapecó: ISSN: 2316-1035. 2016.

Recebido em 10 de junho de 2021 | Aceito em 17 de junho de 2021



Esta obra está licenciada
conforme Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional